

EDITORIAL

Tecnolarápios à espreita

O alcance lúdico e de entretenimento da Copa do Mundo, associado às atenções capturadas pelas bandeirolas e licores juninos, despertam a gula dos golpistas de internet. Convém às pessoas de boa intenção não distraírem-se com o celular, ao menos, no decorrer de jogos e festas, pois um pequeno vacilo pode representar o indesejado gol contra.

A cresce a sensação de encantamento produzida pelas químicas da paixão, seja pela seleção penta ou pela doce companhia, produzindo nas vítimas a consagrada “cegueira”. Antes mesmo de começarem os jogos, dados confiáveis, compilados por provedor de rede privada,

indicavam três entre cada grupo de dez usuários sob ameaça de trapaça.

A estatística recortou no universo de compradores de produtos relacionados à Copa, indicando a amostragem a habilidade dos bandoleiros digitais e seus dis-

Álbuns de figurinhas e camisas da seleção, entre outros itens, estão entre as suculentas iscas

farces artificiais. A coleção de fraudes se distribui em venda de ingressos, pacotes de viagem, hospedagens e artigos licenciados, tudo muito convincente nas imagens e áudios.

É preciso saber desconfiar, habituando-se ao ceticismo protetivo: mesmo a aparência de sites conhecidos pode esconder clones ativados por rapaces cada vez mais ladinos. Um dos indícios mais eloquentes da gatunagem eram os erros de português, eliminados hoje pela aplicação de filtros corretores e monitoramento das IAs.

O compartilhamento de links, conduzido célere e comodamente via troca de

mensagens em aplicativos como Whats App e variadas redes sociais, precisa ser feito com cautela. Álbuns de figurinhas e camisas da seleção, entre outros itens estão entre as suculentas iscas visando oferecer a comodidade do pagamento por QR Code como atraente ardil.

Diante da escalada das emboscadas, os bancos criaram mecanismos para bloquear transferências; depois de efetuadas, portanto, nada de pânico, se vacilou pode consertar. O contexto favorável às modalidades virtuais de ganância e descuido sugere risco para o comércio digital se a freguesia tornar-se definitivamente refém dos tecnolarápios.

CAU GOMEZ

As charges publicadas neste espaço expressam as opiniões de seus autores



Um museu para Salvador

Armando Avena
Escritor, jornalista e economista, membro da Academia de Letras da Bahia – ALB
armandoavena@gmail.com

Toda grande cidade turística possui um grande museu. E Salvador, que em 2025 recebeu mais de 200 mil turistas estrangeiros, um recorde que lhe dá a liderança na região Nordeste e a posição de 4º maior destino internacional do Brasil por via aérea, precisa de um grande museu.

Salvador tem museus locais e muitos deles com acervos valiosos e de qualidade artística. Mas não se trata disso, trata-se de construir um museu capaz de projetar a cidade para o mundo, de torná-la um ícone arquitetônico e cultural.

Paris tem o Louvre. Madri tem o Prado. Nova York tem o Metropolitan. São Paulo tem o MASP e o Rio de Janeiro tem o MAM e o Museu do Amanhã. Salvador precisa do seu grande museu, para com isso consagrar sua aura de cidade única, cultural e artística.

Várias cidades no mundo criaram museus icônicos em edifícios que são, eles próprios, obras de arte, para assim projetarem-se no mundo turístico e cultural. O exemplo mais famoso é Bilbao, antiga cidade industrial do País Basco, que se reinventou com a implantação do Museu Guggenheim, projetado pelo arquiteto Frank Gehry. Mais recentemente, a cidade de Abu Dhabi decidiu afirmar-se como polo cultural global construindo uma ilha de museus que inclui o Louvre Abu Dhabi e o Guggenheim Abu Dhabi.

Salvador não precisa de um museu para posicionar-se no mundo, afinal tem quase tudo o que uma cidade turística pode desejar. Tem a Baía de Todos-os-Santos, uma das mais belas baías do mundo, tem patrimônio histórico singular e gastronomia reconhecida internacionalmente. E tem música, festas populares, religiosidade, cultura afro-brasileira e uma identidade que nenhuma outra cidade brasileira consegue reproduzir.

Se, além disso, oferecer à sua população e aos turistas um grande museu de arte e história, voltado para a civilização atlântica e para a cultura afro-brasileira; se este museu for sediado num equipamento concebido por um arquiteto de renome mundial e dialogando com a Baía de Todos-os-Santos, da mesma forma que o Guggenheim dialoga com o rio Nervión, em Bilbao, Salvador se tornará diferenciada no mundo da cultura e do turismo.

A primeira capital do Brasil, principal porto do Atlântico Sul durante séculos e ponto de encontro entre Europa, África e América, tem legitimidade histórica para sediar um museu desta natureza.

E não será apenas uma ação cultural, será um investimento econômico de porte, para potencializar a economia soteropolitana. Conhecido mundialmente como “Efeito Bilbao”, o País Basco mostrou que um equipamento icônico pode tornar-se um poderoso imã turístico e um catalisador de transformações econômicas, urbanísticas e culturais

E não se propõe tão-somente um edifício espetacular, mas sim um projeto urbano mais amplo, nada megalomaniaco, apenas algo no mesmo montante gasto com os enormes viadutos e arenas de concreto que enfeiam a bela cidade da Bahia.

Só não me peçam para usar a “amarelinha”

Carlos Zacarias de Sena Júnior
Doutor em História, professor da UFBA
zacasenajr@uol.com.br

Não sei vocês, mas eu não estou nada animado pra Copa do Mundo que começou ontem. Tenho uma “amarelinha” oficial, que comprei em 2006 para uma temporada em Portugal. Todo brasileiro que já saiu do país sabe o quanto nos sentimos mais patriotas quando estamos fora. Infelizmente esse não é o sentimento que predomina em solo pátrio, especialmente quando vemos preconceito contra nordestinos vindo de gente que acha que o Sul é o seu país.

Portanto minha camisa da CBF/Nike permanecerá no armário, local onde esteve nos últimos dez anos. Faço isso menos por desgosto com a Seleção e mais porque não quero ser confundido com bolsonarista. Não me entendam mal: nem todos que usam a camisa amarela da Seleção são bolsonaristas, mas todo bolsonarista usa, daí que tomei ranço do uni-

forme. Eu até entendo os que querem disputar os símbolos pátrios com a extrema direita, mas não é pra mim.

Sou rancoroso nesses assuntos, porque não dá pra brincar com fascista. Por isso não consigo andar na rua sem estar alerta ao menor sinal de hino, bandeira ou camisa amarela da Seleção. Então, sem essa de patriotismo fajuto e oportunista, que dá as caras de quatro em quatro anos ou costuma se juntar para pedir golpe de Estado. Se é pra torcer, prefiro escolher com quem compartilhar alegrias e choro tristezas.

Os bolsonaristas levaram nossos símbolos, é verdade, mas eu não lamento. Como todos os hinos de países, o nosso vocifera contra inimigos imaginários, evocando idolatrias pretéritas. Sobre a bandeira, em Portugal me dei conta de que usá-las na fachada de casa era coisa de fascista. Foi o que me disse um amigo português, estudioso do salazarismo, quando em 2006 viu a bandeira do Brasil e de Portugal na janela da minha morada no Porto. Na ocasião desdenhei orgulhoso, dizendo que no Brasil não era assim. Pendurar a bandeira na janela já foi, entre

nós, sinal de amor à “pátria de chuteiras”, como disse Nelson Rodrigues. Mal sabia o que estava por vir.

Enfim, a Copa do Mundo começou, o Brasil estreia amanhã contra o Marrocos e não dá para ser indiferente: ou se ama ou se odeia. Por enquanto, sou todo ódio a essa euforia forçada e diversionista em que Carlo Ancelotti toma o lugar do escândalo Vorcaro-Dark Horse-Flávio nas manchetes dos jornais. Para completar, o gringo convocou Neymar e deixou Luciano Juba de fora.

Eu queria mesmo é dizer que não estou nem aí para a Copa. O problema é que sei que “futebol é a coisa mais importante entre as coisas menos importantes da vida”, como disse o técnico italiano Arrigo Sacchi. Portanto seria impossível supor que os próximos 30 dias me seriam indiferentes ou apenas de puro ódio. No fim das contas, o provável é que a um grito de gol e um close de felicidade de um brasileiro em pleno gozo dessa “alegria fugaz”, sou capaz de dar uma espiada. Se calhar, vou até torcer pela Seleção. Só não me peçam para usar a amarelinha. Aí já é demais.